

Filosofar ou adestrar?

A Filosofia não pode ser considerada apenas mais uma disciplina do currículo do ensino médio, cujo objetivo seria a introdução do aluno na sua história. Nesse sentido, para Franklin Leopoldo da Silva (1992), a Filosofia, no currículo do ensino médio, deve ter uma função de “articulação cultural”. Para assumir essa função, a Filosofia não depende somente dela mesma, mas de mudanças no currículo da escola básica e, principalmente no seu ciclo final, no que se refere à forma como as disciplinas se relacionam e ao sentido dado aos conhecimentos. Embora o ensino médio esteja em processo de mudança, na tentativa de constituir-se uma nova identidade, mantém-se a predominância de um currículo voltado para o treinamento, entendido esse como “aquisição de determinadas habilidades, através do exercício repetido de procedimentos padronizados, tendendo para a automatização de mecanismo seqüencial” (SILVA, 1992,159). E mais, esse currículo aponta como meta fundamental o “adestramento para o vestibular”.

Uma das possibilidades de escolha do professor ocorreria a partir da ênfase dos procedimentos gerais de pensamento, entendidos como princípios metodológicos da atividade intelectual – desenvolvimento das capacidades de análise e leitura; de técnicas de raciocínio e argumentação; de métodos de questionamento; problematização e expressão (FAVARETTO, 1993, p. 5).

Neste sentido o ensino de filosofia proporcionaria aos alunos o desenvolvimento de habilidades fundamentais para o exercício do filosofar, da reflexão, da crítica, da argumentação.

Muitas vezes entende-se que o desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos se desenvolve a partir de discussões e das polêmicas sobre questões variadas e atuais em sala de aula. O fato de algum aluno expressar uma opinião, um sentimento sobre determinado

tema a seus colegas e professor pode, muitas vezes, significar para o professor que ele está exercitando seu pensamento crítico. No entanto, é importante salientar que:

crítica como processo reflexivo, não é um conhecimento expositivo, um saber positivo sobre o mundo e muito menos uma percepção: é uma interpretação, que exige perspectiva de análise, sistemas de referência e práticas discursivas adequadas (Ibid., p. 3).

Assim, mesmo avançado no sentido de introduzir a disciplina Filosofia na maioria das escolas de ensino médio, é preciso progredir, ainda, na construção de seu prestígio e sua valorização, através de um tratamento cuidadoso e rigoroso dos conteúdos na sala de aula. Isso cabe ao professor de Filosofia, profissional que recebeu uma formação específica, durante quatro anos, em curso de nível superior. No entanto, se essa formação inicial muitas vezes desconhece a realidade do ser professor de Filosofia, no contexto específico da escola, é preciso construir espaços de discussão e de estudo que possibilitem ao professor a continuidade de sua formação. A formação continuada deve ocorrer não só na própria escola onde o professor atua, mas também as universidades devem estar dispostas a estabelecer elos de ligação com as escolas, trazendo seus professores novamente para atividades, cursos, seminários que enfoquem suas dificuldades e alternativas de mudança.